



www.clubebonsaisintra.wordpress.com

clubebonsaisintra@gmail.com

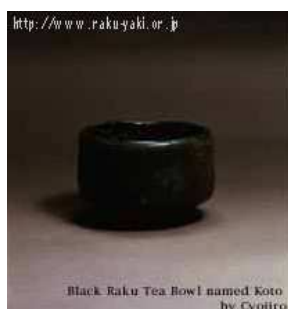
© Todos os direitos de copyright reservados ao Clube Bonsai Sintra.
Proibida a cópia total, ou parcial, dos conteúdos.
Para autorização contactar o clube.

Cerâmica RAKU

Por Mariana Costa

No século XVI, Chojiro (pronuncia-se “Chôjirô”), um imigrante coreano que vivia em Quioto, produzia cerâmica denominada “ima-yaki”, que significava “now wares”, ou seja, “cerâmica produzida na actualidade”. O seu trabalho, pela sua simplicidade refinada, levou-o a ser escolhido por um influente Mestre da Cerimónia do Chá (Sen no Rikyu, 1522-1592) para a produção de peças utilizadas na Cerimónia do Chá ligada ao Budismo Zen.

As características principais das taças de chá idealizadas por Chojiro são a utilização exclusiva de vidrados monocromáticos vermelhos ou negros e uma estética que pretende eliminar movimento, decoração e variação da forma. Trata-se de um tipo de cerâmica que reflectia, mais que qualquer outra, o ritual da cerimónia do chá, tal como idealizado por Sen Rikyu. Este Mestre da Cerimónia do Chá remodelou o ritual, reduzindo-o à mínima expressão, com base na estética “wabi”, e a cerâmica de Chojiro encaixa-se perfeitamente nesta corrente: Raku é uma cerâmica trabalhada à mão e não na roda, facto que permite que o espírito do artista se revele no seu trabalho de um modo bastante directo e íntimo, sendo que Chojiro, através da sua negação do movimento, decoração e variação nas formas, ultrapassou ainda as fronteiras da expressão individual e elevou a taça de chá a uma manifestação de elevada espiritualidade.



“Chôjirô's elimination of movement, decoration and variation of form and his delving beyond the boundaries of individualistic expression manifested themselves in works of monochromatic silence. To deliberately negate attempt at any formative expression is, as if creativity tries to go beyond the act of creation itself, a paradoxical and extraordinary spiritual endeavour”.

(fonte: <http://www.raku-yaki.or.jp/honshitu-e.html>)

O imperador do Japão, Toyotomi Hideyoshi (1537-1598) atribuiu a Chojiro, em homenagem ao seu trabalho, um selo com o caracter chinês “Raku”.

Este caracter tem associado o significado de contentamento, alegria, prazer, “o melhor em todo o mundo”, e o termo “Raku” deriva de Jurakudai, o nome de um palácio construído por Hideyoshi, um dos grandes símbolos da sua era.



Raku passou a ser um nome associado à família que produzia aquele tipo de cerâmica, sendo o único caso conhecido na história em que o nome atribuído à família se tornou posteriormente sinónimo do tipo de cerâmica que eles produziam. Trata-se ainda de um exemplo ímpar pelo facto ter tido continuidade até aos nossos dias: o mais recente descendente, Kichiemon, representa actualmente a 15ª geração.

Durante 400 anos o Raku esteve exclusivamente associado ao fabrico das taças de chá, características da cultura Japonesa. Esta técnica de cerâmica japonesa foi introduzida no Ocidente por Bernard Leach, por contacto, em 1911, com o ceramista japonês Shoji Hamada, adquirindo maior popularidade na última década do séc. XX. No início, as primeiras peças desenvolvidas ainda aparecem ligadas às formas tradicionais mas, com a chegada da técnica aos Estados Unidos da América, o Raku dissocia-se destas formas e desenvolve-se sobretudo como um processo técnico, associando-se plenamente às correntes contemporâneas da cerâmica de autor.

São peças que possuem características especiais de cor e textura, que as distinguem de qualquer outra cerâmica, confeccionando-se com pastas que podem resistir a choques térmicos muito fortes. As peças cerâmicas são retiradas do forno a uma temperatura de 1000°C, altura em que o vidrado se encontra completamente fundido, colocando-as de imediato em recipientes fechados com

serradura ou pequenas folhas secas, as quais ardem, provocando a libertação de fumo, conseguindo-se, assim, uma atmosfera redutora (sem oxigénio). Como resultado, processa-se a transformação dos óxidos metálicos surgindo diversos tipos de coloração. Passado o tempo pretendido, submergem-se as peças em água para completar o processo de arrefecimento. A peça sofre assim efeitos químicos e físicos determinados quer pela temperatura, quer pelos materiais usados.



Fotos: Márcio Marujo

Caso a peça seja previamente vidrada, o resultado normalmente é um brilho muito característico e quase exclusivo do Raku. Caso contrário, se a peça não estiver vidrada, fica completamente negra. Estes dois efeitos podem ser combinado numa só peça. Todos os factores que envolvem esta técnica são relativamente difíceis de controlar: o resultado final de uma peça de Raku tem sempre um lado imprevisível e, por isso, cada peça é única.

Fontes de informação:

Andrews, Tim. - "Raku. A review of contemporary work."

<http://www.oficinaraku.com/ceramica.html>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Raku>

<http://www.raku-yaki.or.jp/yurai-e.html>

<http://www.raku-yaki.or.jp/honshitu-e.html>

http://www.cm-proencanova.pt/port/artesanato/c_raku.html

<http://www.girafamania.com.br/tudo/raku.htm>